



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

[eccos@uninove.br](mailto:eccos@uninove.br)

Universidade Nove de Julho

Brasil

Röhr, Ferdinand

Confiança - um conceito básico da Educação no pensamento filosófico e pedagógico de Otto Friedrich

Bollnow

EccoS Revista Científica, núm. 26, julio-diciembre, 2011, pp. 193-208

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71522347012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

[redalyc.org](http://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# CONFIANÇA – UM CONCEITO BÁSICO DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO FILOSÓFICO E PEDAGÓGICO DE OTTO FRIEDRICH BOLLNOW

TRUST – A BASIC CONCEPT OF EDUCATION IN THE  
PHILOSOPHICAL AND PEDAGOGICAL THINKING OF OTTO  
FRIEDRICH BOLLNOW

**Ferdinand Röhr**

Professor Titular do Depto. Fundamentos Sócio-Filosóficos  
da Educação – Universidade Federal de Pernambuco.  
Dr. phil. – Rheinisch-Westfälisch Technische Hochschule Aachen, Alemanha.  
Recife, PE – Brasil.  
[fröhr@uol.com.br](mailto:fröhr@uol.com.br)

**RESUMO:** Trata-se de uma análise das pesquisas fenomenológicas de Bollnow em torno da temática da confiança/desconfiança e suas consequências para a Educação. Partindo da desconfiança como fenômeno crescente e quase onipresente na vida da nossa época, Bollnow procura ressaltar a importância da confiança tanto na vida humana quanto na Educação. Encontra na confiança no Ser uma possibilidade existencial do ser humano que faz parte da sua dimensão espiritual. Aponta como tarefa pedagógica, além da geração de uma confiança básica na primeira infância, através de uma atmosfera pedagógica acolhedora e uma formação de uma atitude crítica em relação às atitudes humanas, que de fato merecem toda desconfiança, uma ajuda educacional para a conquista da confiança no Ser por parte do educando. Pertence à dignidade do agir pedagógico reconhecer os possíveis fracassos diante do livre arbítrio do educando e superá-los com novas tentativas de experiências humanas mais profundas na relação pedagógica, verdadeiramente dialógica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Confiança. Educação espiritual. Formação integral. Fracasso pedagógico. Otto Friedrich Bollnow.

**ABSTRACT:** This work is an analysis of Bollnow's phenomenological research on the theme of trust / mistrust and its consequences for education. With the growing phenomenon of mistrust being almost omnipresent in life today, Bollnow seeks to highlight the importance of trust both in human life, and in education. An existential possibility of the human being is found in trust in "Being" as part of their spiritual dimension. Indicated as a pedagogic task, besides the generation of a basic trust in early childhood, through a friendly pedagogical atmosphere, and a formation of a critical attitude in relation to human attitudes, which in fact deserve suspicion, an educational aid towards the conquest of trust in "Being" by the student. It depends on the dignity of the pedagogical action to recognize the possible failures in the face of the students' free will and overcome them with new attempts of deeper human experiences in the pedagogical relationship, truly dialogical.

**KEY WORDS:** Integral education. Pedagogical failure. Spiritual education. Otto Friedrich Bollnow. Trust.

Os ensinamentos mais sábios podemos esperar da fase mais madura da obra dos grandes pensadores. As experiências mais marcantes, ao contrário, encontramos nas suas vivências infantis. Bollnow<sup>1</sup> nos fala de uma dessas experiências, que diz respeito à temática da confiança, aparentemente banal, mas que o marcou pela vida inteira. Apresentamos a sua narração do evento, ocorrido na idade de oito ou nove anos, na íntegra<sup>2</sup>:

No pequeno e precário jardim em frente ao prédio em que morávamos, floresceu, de repente, um lírio. Cheio de admiração respeitosa, ficamos, eu e meu irmão, que era mais novo alguns anos, diante desse milagre. A intocável pureza da cor branca, a quase regularidade geométrica da formação inteira, a tênue profundidade esverdeada que descia aos enigmas escondidos no cálice da flor, do qual se estendiam os estames, tudo isso conferia à flor algo fabuloso. Nós não conseguíamos entender que esse milagre poderia ser a realidade de fato desse nosso mundo cotidiano. Permanecemos um bom tempo diante dela, e eu tinha dado, certamente exagerando, uma noção do tamanho da flor ao meu irmão, que não quis acreditar em mim. Aí passei a mão pela grade, não que tivesse ousado tocar a flor, mas para, a partir de uma aproximação cuidadosa da mão estendida, conseguir uma estimativa mais segura, medida entre polegar e dedo indicador.

Naquele momento apareceu o síndico, que provavelmente nos observou um tempo, e nos enxotou com xingações grosseiras. Cheios de vergonha afastamo-nos, pois acreditávamos que só o fato da aproximação, tida como violação de um venerar santo, havia desencadeado tamanha ira. Mas, me lembro hoje ainda do susto que percorreu todos os membros do meu corpo, quando me dei conta de que ele podia ter pensado que eu desejaria arrancar a flor, tendo brigado por causa disso, e quando se tornou para mim mais claro ainda, que essa suspeita do ponto de vista dele foi totalmente compreensível, e que, quando me flagrou no movimento da minha mão, não podia ter pensado diferente, e que, portanto, não sobrava nenhum pinga de es-

perança de desmanchar essa suspeita maldosa. (BOLLNOW, 1948, p. 818-819).

Desse episódio, fazendo parte dos inúmeros mal entendidos de palavras, gestos e ações na convivência humana, ficou uma experiência marcante em relação à desconfiança e suas consequências.

A desconfiança que me atingiu num momento, no qual talvez por causa de um estado de sincera comoção, me encontrei especialmente vulnerável, me tocou numa tal profundidade, que ainda hoje, apesar de todas as cogitações racionais, não consegui superá-la totalmente. Talvez haja experimentado, pela primeira vez, algo da solidão humana que se fundamenta no fato de que não podemos demonstrar nossa consciência de inocência com nenhum meio convincente, diante de um mundo de desconfianças, nos mantendo, assim, sempre indefesos em relação às suspeitas ferinas. (BOLLNOW, 1948, p. 819).

Finalmente, Bollnow fala das repercussões nos momentos em que ele, como adulto, se relaciona com as crianças.

Como são frequentes as situações de desconfiança! Mas, no momento em que tudo parece falar contra a criança, surge o questionamento atormentador: não é possível que eu esteja equivocado, será que estou prestes a cometer a mesma injustiça que sofri tão profundamente? Todo olhar “realístico”, baseado nos conhecimentos sobre o homem, nunca toca o cerne verdadeiro da alma infantil. Toda desconfiança é veneno, e somente a confiança, que muitas vezes parece ser cega, forma a única base, na qual os movimentos mais nobres da alma podem-se desenvolver. (BOLLNOW, 1948, p. 820).

Vale ressaltar que Bollnow publicou essas reflexões três anos depois da Segunda Guerra Mundial, na revista *Schola*, direcionada aos profissionais da área escolar, num tempo, portanto, em que a desconfiança justificada diante do homem alcançou um dos seus ápices. Resta-nos, diante

dessa narrativa de uma experiência significativa e das primeiras reflexões sobre ela, partir para uma apresentação do pensamento sistemático do autor sobre a temática da confiança e sua relevância pedagógica. Para isso, mostramos, num primeiro passo, como Bollnow avalia a presença generalizada da desconfiança no nosso tempo. Em seguida, abordaremos a importância antropológica que ele confere à confiança, apresentando-a como realidade metafísica. Encontramos nisso a contribuição para uma educação que inclui a dimensão espiritual numa visão integral do homem. Concluímos a apresentação da confiança, ressaltando-a como atitude indispensável do educador e suas repercussões no educando.

Bollnow não deixa dúvidas sobre a onipresença da desconfiança no nosso tempo: “Pode-se, com toda razão, denominar o nosso presente como era de uma desconfiança todo abrangente.” (BOLLNOW, 1948, p. 435). Uma tendência que se iniciou com pensadores isolados, como Nietzsche, Marx e Freud, opondo-se às ilusões de um idealismo enraizado naquela época, tornou-se uma atitude de “[...] desconfiança impregnada em todos os setores da vida, indo de encontro a tudo desse mundo que se apresenta como bom e belo, como confiável e consolador.” (BOLLNOW, 1948, p. 435). Sem precisar fazer uma análise mais detalhada no espaço disponível deste trabalho, podemos afirmar que o “veneno da desconfiança” está ocupando sempre mais lugar na vida humana, tanto na pública quanto na privada. Das instituições sociais, que tradicionalmente inspiraram confiança, até as relações interpessoais mais íntimas, a expressão “não confie mais em ninguém” escuta-se sempre com mais frequência. Parece que o avanço da desconfiança não tem fim. Porém, as citações iniciais já revelaram que isso, para Bollnow, não pode ser a última palavra. Por esse motivo, ele submete a evolução da desconfiança a uma análise fenomenológica.

Nos anos 50 do século passado, principalmente partindo de reflexões diante de uma radicalização da Filosofia da Existência no Existencialismo francês pós-guerra, Bollnow procurou demonstrar que a desconfiança e a suspeita, já nessa época, não se direcionavam mais somente a acontecimentos, situações ou ações específicas de seres humanos que revelavam meramente fraquezas, desvios, perturbações isoladas ou momentâneas. A desconfiança tornou-se uma atitude generalizada, que motivada por sua força sugestiva (cf. BOLLNOW, 1948, p. 450), arrasta o ser humano e o seu mundo na sua totalidade. Ser desconfiado, suspeitar de tudo o que se

apresenta como bondade, nobreza de caráter ou beleza de comportamento humano, tornou-se uma atitude básica e profundamente sedutora. Diante dessa situação Bollnow alerta: tentar se proteger contra suspeitas ou desconfiar pode funcionar “[...] até certo grau em relação a assuntos concretos. Quando, porém, as intenções humanas estão postas em dúvida de forma generaliza, não se tem, por princípio, condições de contestar isso.” (BOLLNOW, 1948, p. 451) Diante desse fato, Bollnow questiona: “[...] será que a realidade, de fato, é tão cruel, tão horrível, tão absurda como a moderna visão desilusionante apresenta? Será que uma imagem mais otimista da realidade por isso necessariamente está errada?” (BOLLNOW, 1948, p. 450-451) Será que numa situação em que “[...] a desconfiança se tornou universal, em que o ‘Bem’ no mundo está sendo negado, portanto num mundo da desconfiança completa, da desconfiança como postura geral da vida [...]” (BOLLNOW, 1948, p. 451) não existe mais espaço para a confiança? Será que o ser humano pode ser condenado, pelo espírito de uma época, a desacreditar na possibilidade de uma vida digna, orientada pela busca do bem, do belo e do verdadeiro? De fato: “[...] se deve existir uma vida humana que faz sentido, aí tem que existir também uma verdade de consolo que nos sustenta, uma verdade que suscita confiança na vida e que por si é condição prévia para possibilitar qualquer iniciativa para um futuro melhor.” (BOLLNOW, 1948, p. 451) Só que essa confiança para Bollnow é de outra qualidade:

Estamos falando, aí, da confiança em si, sem qualquer determinação específica, e compreendemos por essa, não a confiança em relação a esse ou aquele ser, mas uma confiança que se encontra por trás de qualquer confiança singular, uma confiança que é a condição de qualquer confiança em relação ao mundo ou a vida em geral, uma confiança em si, sem objeto singular determinado, como a que surge de uma sensação de proteção profunda e confortante (*Geborgenheit*). (BOLLNOW, 1954, p. 464).

Bollnow aponta a dificuldade de denominar esse tipo de confiança que ele tem em mente:

Pode-se falar de uma confiança na vida, compreendendo a vida no seu significado que abrange o homem e o mundo. Mas, talvez fosse melhor evitar essa denominação, em princípio correta, pois ela pode ser interpretada facilmente num sentido subjetivo-psicológico e falar, em vez disso, numa confiança no Ser (*Seinsvertrauen*). Num sentido similar poderia se falar de uma crença no Ser, se não existisse o perigo de estreitar o conceito de crença num sentido de uma determinada crença religiosa, ao passo que se trata aqui de uma experiência que se encontra ainda anterior a qualquer realização religiosa específica. (BOLLNOW, 1953, p. 464 e cf. 1958, p. 181).

Nessas descrições do sentido, em que Bollnow quer ver compreendida a confiança no Ser, fica evidente que ela pertence à dimensão espiritual, na nossa conceituação. Não se trata de um fenômeno emocional, pois não está sendo compreendido num sentido subjetivo-psicológico. Não se trata de um fenômeno da nossa razão, pois pode existir apesar de todas as argumentações e demonstrações factíveis, e, finalmente, é independente de qualquer fé religiosa. Podia-se falar de uma confiança metafísica (cf. BOLLNOW, 1948, p. 436), pois confia apesar de tudo. Bollnow não cansa de ressaltar a importância desse tipo de confiança: “Vida humana, em princípio, só pode permanecer saudável, quando está sendo firmada numa confiança geral no Ser e na vida; ela degrada onde se perde essa confiança.” (BOLLNOW, 1958, p. 181). Mais ainda, para Bollnow, diante da impossibilidade de provar se a atitude de confiança no Ser é certa ou não, a adesão a esse tipo de confiança é sempre um ato de liberdade, de livre decisão (cf. BOLLNOW, 1948, p. 452), em que a pessoa se compromete com essa forma de enfrentar a vida. Cair fora da confiança ingênua e infantil é praticamente um processo imposto pelas circunstâncias da vida. A desconfiança num todo se apresenta como quase consequência das inevitáveis vivências decepcionantes. A confiança no Ser, por sua vez, “[...] só se pode afirmar num sempre renovado esforço contra as dúvidas que surgem sempre de novo, destacando-se assim como um bem frágil, acima do nível do medo e do desespero.” (BOLLNOW, 1953, p. 466) Não adianta, portanto, tentar combater a desconfiança com meios emocionais ou racionais.

Não existe prova para o bem. Não pode ser garantido por medidas de segurança. Contra a vontade de denúncia não existe uma contrainstância. Podemos nos certificar dele só se nos comprometemos vivamente com ele (no “engajamento”, ou dito de uma forma simples: no amor para com o outro homem). Trata-se, portanto, nunca da segurança, mas de certeza, alcançável no sacrifício da vida. O que resulta disso são experiências profundas, verdadeiras. Quem se fecha diante desse sacrifício, fecha-se ao acesso a esse tipo de experiência de vida. (BOLLNOW, 1948, p. 454).

A confirmação da possibilidade da confiança no Ser só se dá no momento em que decidimos experimentá-la e vivenciá-la concretamente. Só no momento do próprio agir, e não na base de um mero conhecimento, podemos adquirir uma confiança mais profunda. Somente num ato de entrega à convivência aberta, temos condições de perceber as qualidades humanas dos outros (cf. BOLLNOW, 1948, p. 453), que justificam conviver com a desconfiança sem deixar se tomar por ela. A confiança possui, de acordo com essa descrição, todas as características que atribuímos a um fenômeno existencial da realidade espiritual do homem, que transcende as dimensões do corpo físico, da sua realidade sensorial, emocional e mental. Evidencia-se, também, que a nossa noção de espiritualidade não se confunde com religiosidade, ainda que admitamos a possibilidade da presença dela na religião.

Não se trata, portanto, de uma atitude ingênua, de uma fuga ilusória de um mundo envenenado pela desconfiança. Trata-se de uma opção existencial, íntima e pessoal de cada um, que transcende as limitações do corpo físico, da vida emocional e mental. Não se tem como criticar ou provar racionalmente a legitimidade dessa confiança. “Nós precisamos saber [...]”, alerta Bollnow, “[...] que os sentidos gerados nas dimensões superiores, de forma alguma, podem ser postos em questão pelos mecanismos inferiores.” (1948, p. 454). Negar a possibilidade de confiança no Ser significa, em última instância, desconsiderar a dimensão espiritual do ser humano e, com isso, todas as manifestações e testemunhos que ela deixou na história da humanidade. Tratando-se de uma decisão existencial-espiritual, temos que reconhecer a possibilidade de se fechar diante dela.

Mesmo o apelo de desconfiar da atitude da desconfiança total não convence necessariamente. Ao invés disso, temos de viver, na visão de Bollnow, com as duas verdades: a verdade dolorosa diante da qual não podemos fechar os olhos, em que todas as fragilidades, falsidades, crueldades e desumanidades merecem toda a nossa atenção e desconfiança, e uma verdade esperançosa, que acredita num sentido fundante da nossa vida, que merece confiança. (cf. BOLLNOW, 1948, p. 456).

Com a presente tentativa de elucidar a tendência à desconfiança na nossa era e as mais variadas dimensões da confiança, preparamos o terreno para a reflexão pedagógica que Bollnow desenvolve em torno da confiança. Se a Educação pretende ser formação humana, se ela quer formar o ser humano na sua integralidade, as reflexões até então já revelam o suficiente, a importância da confiança na vida humana, o que por si só já justifica a sua inclusão nas reflexões pedagógicas. Na busca de uma saída, Bollnow afirma:

Se existe uma possibilidade de sair dessa crise, tem que se conseguir uma nova relação de confiança em relação ao outro homem, à cultura e à vida em geral. Uma contemplação da essência da confiança e sua função na vida humana se encontra, portanto, no centro das atuais controvérsias em relação ao homem. (BOLLNOW, 1958, p. 176).

Pergunta-se, por isso, qual a possibilidade da Educação contribuir na superação da crise que se instalou via generalização da desconfiança. Mas, além da perspectiva de preparar o educando para uma postura de confiança por dentro das desconfianças deste mundo, existe um sentido da confiança que é propriamente pedagógico. Por isso, Bollnow não cansa, na sua obra, de ressaltar a importância da confiança que o educador deve depositar no seu educando. (cf. BOLLNOW, 1971a, p. 222; 1958, p. 7/8 e 1971b, p. 70) Ele atribui à confiança uma especial força de transformação positiva, bem como à desconfiança uma negativa:

Toda desconfiança com que defronto uma outra pessoa, a transforma. A desconfiança a torna exatamente tão preguiçosa, tão boba e traiçoeira como eu, na minha desconfiança, dela

tinha esperado. E, ao contrário: toda confiança a transforma, no sentido positivo, numa pessoa melhor, naquela pessoa que a confiança tinha pressuposto nela. Podemos fazer o outro homem diretamente melhor, tendo-o por melhor. (BOLLNOW, 1971a, p. 222).

Essa ligação traz consequências fundamentais para a Educação. “Somente quando o educador acredita verdadeiramente na criança, quando ele confia nela, ela pode se desenvolver.” (BOLLNOW, 1978, p. 8). Disso o educador tem que ter consciência, pois aí pousa uma “[...] imensa responsabilidade: seu juízo sobre a criança não é assunto particular dele, mas atua diretamente no desenvolvimento infantil.” (BOLLNOW, 1978, p. 8). Mesmo com toda ênfase que Bollnow insiste nessa relação, ele não a compreende como um mecanismo que funciona linearmente como uma lei natural (cf. BOLLNOW, 1971b, p. 71).

Trata-se de ligações misteriosas, que estão enraizadas profundamente em relações afetivas abaixo da nossa consciência, que enxergamos na Educação e precisamos levar inteiramente a sério, mesmo talvez nunca podendo esclarecê-las totalmente de forma racional e reduzi-las a relações causais e inequívocas. (BOLLNOW, 1978, p. 8).

Encontramo-nos, portanto, frente a uma experiência com o ser humano que não é acessível via investigação empírico-racional, mas que pode ser compartilhada com as pessoas que se abrem para a mesma.<sup>3</sup> Partindo dessa afirmação geral da força formadora e fortalecedora da confiança na Educação (cf. BOLLNOW, 1971b, p. 69), podemos apontar, em seguida, como a confiança se revela na sua relevância pedagógica, no decorrer do desenvolvimento humano. Bollnow apresenta uma diferenciação tríplice, da qual se derivam questões educacionais diferenciadas.

1) No início temos o estado de um proteção profunda e confortante (*Geborgenheit*) na primeira infância, uma atmosfera de confiança serena que sustenta.

2) Este mundo fechado necessariamente tem que quebrar em algum momento e o homem experiencia em sobressaltos, vivenciados como crises, toda a sua desproteção (*Ungeborgenheit*) e sua condição de ser abandonado e desamparado no seu ser aí (*Dasein*).

3) Disso resulta a necessidade de uma nova fundamentação da segurança na sua vida, da reconquista de um sustento confiável no mundo. (BOLLNOW, 1971b, p. 64).

Voltando-se, primeiramente, para a questão da importância da confiança nos primeiros anos da vida infantil, podemos perceber o que Bollnow chama de atmosfera de confiança, num âmbito maior que ele nomeia de atmosfera pedagógica.

Se quisermos entender a Educação acertadamente numa concatenação com a vida humana, as disposições psíquicas em geral do ambiente humano em que a Educação deve acontecer, as condições emocionais das pessoas envolvidas, tanto da criança a ser educada como do adulto que educa, ganham uma importância crescente; revela-se, que para o êxito da Educação necessita-se de uma bem determinada atitude emocional das pessoas envolvidas. Falo, de forma geral, de uma atmosfera pedagógica e compreendo por essa a totalidade dos estados emocionais e de humor (*Stimmung*) e as relações de simpatia e antipatia diante das quais a educação acontece. (BOLLNOW, 1971b, p. 60).

A confiança do educador, portanto, faz parte dessa atmosfera pedagógica, dentre outros elementos, como amor, paciência, esperança e alegria (cf. BOLLNOW, 1971b, p. 64-70 e cf. 1958, p. 183). Essa atmosfera pedagógica atua nessa fase, principalmente na dimensão emocional da criança, mas pode também, como vimos na experiência de Bollnow, atuar profundamente na dimensão existencial-espiritual. Ela gera certa postura diante do mundo. A criança conhece o mundo como mundo de relações de confiança e sentido. A atmosfera de confiança, portanto,

[...] não é meramente um clima emocional favorável para o desenvolvimento das forças da criança, mas nela se abre, além disso, numa forma bem concreta, a compreensão do mundo e das coisas que se encontram nele, através da intermediação de uma pessoa confiável e amada. (BOLLNOW, 1971b, p. 62).

Uma descrição mais aprofundada das repercussões de uma atmosfera pedagógica no desenvolvimento da confiança da criança, em si e no mundo, reservamos para um futuro trabalho.

É óbvio que não é possível manter a criança num ambiente de proteção e segurança durante a infância inteira. Isso, de forma alguma, justifica encurtar essa fase, expô-la desnecessariamente às experiências mais conflituosas da vida humana. Já é doloroso demais ver uma grande parte das crianças crescer sem jamais haver experienciado uma atmosfera pedagógica adequada, que sem sombra de dúvida traz danos irreversíveis. Mas, da mesma forma como não podemos antecipar o confronto da criança com os lados escuros da existência humana, não podemos protegê-la demasiadamente. É preciso tato pedagógico, como Herbart (1982) dizia<sup>4</sup>. Já no círculo das pessoas mais próximas não se pode sustentar para sempre uma imagem de um mundo incólume.

E, com o tempo, mais cedo ou mais tarde, vai desmoronar essa sensação primeira de proteção e confiança, quando a criança experiencia que mesmo a mãe mais amorosa e o pai mais poderoso continuam seres humanos imperfeitos e falhos, que não podem oferecer uma proteção incondicional diante das ameaças do mundo. (BOLLNOW, 1971b, p. 62/63).

Trata-se de momentos dolorosos na vida da criança (cf. BOLLNOW, 1948, p. 444) e, sem dúvida, momentos que precisam de uma nova forma de apoio pedagógico. O educando tem que aprender novas formas de superar esses momentos que constam do seu processo de amadurecimento e de crescente autonomia (cf. BOLLNOW, 1971b, p. 63 e 164-175). Para isso ele tem que desenvolver, gradativamente, suas capacidades mentais de compreensão, que são um meio adequado para desenvolver uma postura crítica diante das possibilidades negativas do comportamento humano.

Dessa forma, ele vai aprendendo a legitimidade de uma postura de desconfiança. Na verdade, não precisamos nos deter demais nesse item, pois a grande maioria das teorias educacionais, como também das práticas pedagógicas, concentram-se, na atualidade, no desenvolvimento de um espírito crítico diante do mundo, diante da sociedade, das produções culturais, da história, das manipulações, das formas de alienação, de propaganda e enganação. No mundo existem egoísmo, maldade, crueldade, mentira, enfim todas as formas de desumanidade. É necessário se confrontar com essa situação, compreender profundamente os mecanismos atuantes, aprender a se prevenir sem sucumbir nela, tanto no sentido de aceitar e buscar superar o inevitável envolvimento próprio nela, quanto no sentido de acreditar que a vida humana consiste nisso.

Dessa forma já nos defrontamos com a problemática do terceiro aspecto. Desenvolver as nossas forças mentais para analisar racional e criticamente os fatos da vida humana que merecem a nossa desconfiança traz em si uma tendência sedutora. A denúncia, o ato de desvendar as fragilidades humanas (cf. BOLLNOW, 1948, p. 448), a façanha de ser mais inteligente do que a pessoa maldosa que se esconde atrás de argumentações ou instituições astuciosamente elaboradas, tudo isso gera um fascínio não só para a pessoa que desconfiou, mas também para aqueles que assistem às notícias sobre o desvendamento do lado negativo do homem. Principalmente na fase adolescente e juvenil existe uma suscetibilidade acrescentada para essa atitude. De forma quase imperceptível, instala-se uma generalização dessa tendência. A desconfiança se torna uma atitude que ocupa sempre mais espaço, até abandonar a crença em qualquer possibilidade de bondade humana (cf. BOLLNOW, 1948, p. 450). Se não podemos mais confiar em ninguém e em nada, necessariamente o medo, a solidão, o egocentrismo e o desespero tomam conta de nós. Nessa situação não podemos contar com a ajuda da nossa racionalidade para reconquistar a confiança. As nossas análises já apontaram para o fato de que a postura de confiança não se sustenta na razão. Será igualmente incabível tentar restabelecer nos educandos a forma ingênua de confiança através de laços emocionais e se deixar levar por um mundo confortável de ilusões. Bollnow deixa claro, como já vimos anteriormente, que a confiança que necessitamos para sair do desespero das experiências escuras da vida humana, pertence a uma dimensão mais elevada do que a emocional e a racional (cf. BOLLNOW, 1953, p.

465/466). Seria a dimensão que chamamos de espiritual. Defrontamo-nos, portanto, com a questão da confiança no Ser, “[...] como condição indispensável da vida humana [...]” (BOLLNOW, 1953, p. 465), e a tarefa pedagógica que ela envolve. Essa tarefa, diante daquilo que já afirmamos em relação à confiança na sua realidade espiritual, parece uma missão impossível de cumprir. Se a confiança no Ser é uma conquista do indivíduo, baseada num ato de liberdade, na ousadia de confiar apesar de tudo, sacrificando-se na convivência aberta com o outro, testemunhando-a não só em confissões verbais, mas no engajamento em atos concretos, como o educador vai fazer com que o seu educando assuma essa atitude? De certa forma, quando perguntamos sobre a possibilidade da Educação em relação à confiança no Ser, defrontamo-nos com a possibilidade em geral de uma atitude pedagógica diante da realidade espiritual. Já afirmamos que a negação da confiança no Ser, em última instância, significa negar a dimensão espiritual. As afirmações de Bollnow em relação à confiança no Ser têm, portanto, uma significância pedagógica maior.

De início, reafirma-se que a confiança do educador no seu educando é de fundamental importância. Quer dizer, nesse caso, que somente o educador que confia que seu educando é capaz de conquistar sua própria confiança no Ser, pode ter expectativas de êxito no seu fazer. Óbvio que esse pressuposto implica que o próprio educador orienta a sua vida e seu agir pedagógico baseado numa confiança do Ser dele. Nessa postura, o educador não pode e nem deve extinguir as experiências negativas, as decepções e revoltas do seu educando com o mundo selvagem. Ele precisa ajudar no sentido de que essas serão “[...] superadas através de novas e mais profundas experiências [...]” (BOLLNOW, 1953, p. 471). Para isso, é necessário deixar de se prender em si mesmo, fechar-se diante do mundo e dos outros homens, que é a consequência natural de qualquer vivência dolorosa (cf. BOLLNOW, 1953, p. 469). Bollnow lembra, nesse contexto, de Martin Buber e Gabriel Marcel, que ressaltam a necessidade de abandonar a relação EU-ISSO, estabelecendo um encontro EU-TU para superar o isolamento dos homens. Na relação EU-ISSO, o educador considera o educando como

[...] parte qualquer da natureza, como mero ser de impulsos, como mecanismo movido por seus egoísmos, obedecendo às

leis de causa e efeito, como qualquer processo da natureza, como homem, em suma, visto pelo senso comum e a psicologia empírico-científica. No outro caso, ao contrário, no TU verdadeiro, trata-se de um ser apto à bondade e liberdade, um homem prestativo e confiável, de uma fidelidade com que posso contar. (BOLLNOW, 1953, p. 470).

O educador precisa tentar estabelecer, na convivência com o educando, relações de EU-TU. São essas as “[...] experiências mais profundas [...]”, que podem abrir o caminho do educando para começar a confiar no Ser. São momentos de “[...] encontros de amor [...]” (BOLLNOW, 1953, p. 471),

Pois, quando acontecem esses encontros, abre-se, através do amor, outro mundo, em que não só a imagem do homem se transforma, mas, além disso, a do mundo como um todo. *Scheler* certamente alertou, pioneiro, que determinadas experiências do Ser só são acessíveis ao homem que ama. O amor como órgão metafísico. (BOLLNOW, 1953, p. 471).

É óbvio que esses momentos não são a experiência corriqueira na vida do educador, porém os mais felizes e frutíferos. Vale a pena se entregar a essa tarefa e ao mesmo tempo deixar o educando perceber que confiar no outro implica num grande esforço, é expressão da força real da alma (cf. BOLLNOW, 1958, p. 183), que tem como recompensa a reconquista do sentido da vida.

Ir ao encontro desses momentos implica, por outro lado, simultaneamente, num aspecto trágico da vida do educador. Abrir-se dessa forma diante do educando, confiando na sua disposição de confiar no Ser, traz uma problemática específica para o educador, que não só tem relevância nesse tipo de confiança, mas assume um sentido mais radical ainda. Partindo do fato de que a confiança no Ser não pode ser forçada e nem o mais confiante educador pode garantir que o seu educando desenvolva uma confiança no Ser, defronta-nos com o fenômeno do fracasso de uma forma bem especial.

A educação deve aqui, a priori, incluir na sua pressuposição básica essa liberdade, que se subtrai por princípio a todo cálculo de previsão. Reconhecer esta liberdade de outra pessoa, porém, significa simultaneamente afirmar o momento de audácia na educação; pois ali existe, pela natureza das coisas, a possibilidade de surgir dessa liberdade da pessoa do outro um comportamento que se volta contra o meu intento educativo, que o rejeita e o aniquila. (BOLLNOW, 1971a, p. 208).

Uma análise mais detalhada da estreita relação entre confiança, audácia, em que o educador se expõe como pessoa, e fracasso verdadeiro, quer dizer, um fracasso inevitável por parte do educador, encontra-se disponível ao leitor brasileiro no sexto capítulo do livro *Filosofia da Existência e Pedagogia* de Bollnow. O espaço limitado desse trabalho nos obriga a abdicar da apresentação dessa relação de profunda relevância para a vida de professor que, caso o fracasso não seja assumido como parte da dignidade humana, pode levar o educador a estados de depressão ou atitudes cínicas, por exemplo. De forma alguma devemos deixar levar, por causa dessas possíveis experiências negativas na educação, por um pessimismo pedagógico. Ao contrário, apostar numa educação que tem em vista a integralidade do ser humano, incluindo a sua dimensão espiritual e nela a confiança no Ser, é a única forma, segundo Bollnow, de conferir um sentido à Educação, que ajuda superar as inúmeras dificuldades que enfrentamos nela. Nesse sentido, Bollnow resume: "Essa confiança no Ser é o fundo indispensável de toda educação, sem o qual ela só se projeta desesperadamente no vazio. Somente quem é seguro de si nesse fundo, pode, por isso, educar de maneira verdadeira." (BOLLNOW, 1971b, p. 73).

## Notas

- 1 Bollnow nasceu em 1903, em Stettin, na época capital do distrito Pommern da Alemanha, hoje Szczecin, na Polónia. Estudou Arquitetura, Matemática e doutorou-se 1925 em Física, sob a orientação de Max Born que ganhou o Prêmio Nobel da Física de 1954 por seu trabalho sobre a Teoria Quântica. Paralelamente estudou Filosofia e Pedagogia, sua verdadeira vocação, com Eduard Spranger, Georg Misch, Hermann Nohl e, mais tarde, com Martin Heidegger. Defendeu sua tese de livre docência (*Habilitation*) sobre Jakob Böhme, nessas duas áreas, em 1931. Lecionou temáticas pedagógicas e filosóficas relacionadas ao esclarecimento, ao romantismo, à filosofia da vida, ao existencialismo, à fenomenologia hermenêutica e à antropologia

- em Göttingen (1931-38), Giessen (1938-39), Mainz (1946-53) e Tübingen (1953-1970). É autor de 38 livros e mais do que 300 artigos, na sua grande maioria disponíveis no *site* <http://www.otto-friedrich-bollnow.de/index.html>. Desde 1958 manteve intenso intercâmbio científico e acadêmico com Japão e Coréia e a cultura oriental. Faleceu em 1991.
- 2 A tradução das citações do alemão é de responsabilidade nossa.
  - 3 O próprio Bollnow refere-se a vários pensadores e pedagogos que comungam essa experiência com ele: João Amos Comênio (BOLLNOW, 1971b, p. 66), Heinrich Pestalozzi (BOLLNOW, 1958, p. 180), Jean Paul (BOLLNOW, 1971b, p. 66), Friedrich Fröbel (BOLLNOW, 1971b, p. 127 e p. 63), Nicolai Hartmann (BOLLNOW, 1978, p. 8 e 1971b, p. 69), Gaston Bachelard (BOLLNOW, 1971b, p. 127), Alfred Nitschke (BOLLNOW, 1958, p. 180 e 1971b, p. 62/3) e Werner Loch (BOLLNOW, 1978, p. 8 e 1971b, p. 69).
  - 4 Johann Friedrich Herbart usou o conceito do “tato pedagógico” pela primeira vez na sua aula inaugural na Universidade de Göttingen em 1802.

## Referências

BOLLNOW, O. F. *Das Problem einer Überwindung des Existentialismus*. 1953.

Disponível em: <http://www.otto-friedrich-bollnow.de/doc/UeberwindungExistB.pdf>.

Acesso em: 2 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. *Das Zeitalter des Mißtrauens*. 1968. Disponível em: <http://www.otto-friedrich-bollnow.de/doc/MisstrauenB.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. *Pädagogik in anthropologischer Sicht*. 1971b. Disponível em: <http://www.otto-friedrich-bollnow.de/128.html>. Acesso em: 2 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da Existência e Pedagogia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971a.

\_\_\_\_\_. *Über die Tugenden des Erziehers*. 1978. Disponível em: <http://www.otto-friedrich-bollnow.de/doc/TugendendesErz.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. *Vom Gift des Mißtrauens*. 1948. Disponível em: <http://www.otto-friedrich-bollnow.de/doc/MisstrauenA.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. *Vom Wesen und Wandel der Tugenden*. 1958. Disponível em: <http://www.otto-friedrich-bollnow.de/113.html>. Acesso em: 2. Abr. 2008.

HERBART, J. F. *Die ersten Vorlesungen über Pädagogik* (1802). In: Johann Friedrich Herbart: Kleinere pädagogische Schriften hrsg. v. Walter Asmus. Stuttgart: DTV, 1982.

Recebido em 9 jul. 2011 / Aprovado em 21 dez. 2011

### Para referenciar este texto

RÖHR, F. Confiança – um conceito básico da Educação no pensamento filosófico e pedagógico de Otto Friedrich Bollnow. *EccoS*, São Paulo, n. 26, p. 193-208, jul./dez. 2011.